

A PRIMEIRA NOITE DE FILMAGENS

Pasadena, Califórnia — sábado, 5 de junho de 2021

20 Concorrentes e 64 Dias Restantes

Dev

Dev Deshpande recorda-se do momento exato em que começou a acreditar num *Para Sempre*.

Tinha dez anos e estava na sala, sentado de pernas cruzadas, fascinado com um episódio do *Para Sempre* que estava a passar na televisão. Era como as histórias que lia, antes de dormir, escondido debaixo dos seus lençóis da *Guerra das Estrelas* muito depois de os pais lhe dizerem para apagar a luz. Histórias de cavaleiros, torres e beijos mágicos. Era como nos filmes que via com a sua ama, Marissa, sobre espartilhos, homens bonitos com rostos severos e danças silenciosas que diziam tudo. Histórias que faziam o seu coração parecer demasiado grande para o seu pequeno corpo.

Mas o *Para Sempre* era melhor, porque era *real*. Era televisão a sério.

No ecrã da televisão, um homem louro e bonito estende uma tiara a uma mulher de vestido cor-de-rosa.

— Estarias interessada em ser a minha princesa?

A mulher deixa escapar uma lágrima enquanto a música toca lá atrás.

— Sim, sim! — Cobre a boca com as mãos e o homem põe-lhe a tiara na cabeça, ouro sobre o seu cabelo dourado. O casal de ouro abraça-se e troca um beijo.

Deixa-se hipnotizar por aquele mundo de carruagens puxadas por cavalos, vestidos de bailes e grandes gestos românticos. Viagens para destinos estrangeiros e beijos dignos de desmaios contra paredes de tijolo, tudo enquanto fogos de artifício explodem à distância. Aquele

mundo no qual o Para Sempre está garantido. Observa e imagina-se no lugar daquelas mulheres, a valsar à volta do salão de baile nos braços do seu príncipe encantado.

— Desliga essa porcaria antiquada e patriarcal — grita-lhe a mãe, quando entra em casa com dois sacos de compras, um debaixo de cada braço.

Contudo, Dev não desligou a tal porcaria antiquada e patriarcal. Na verdade, fez o oposto. Juntou-se à história.

— Um brinde! — anuncia, enquanto deita o resto do champanhe nos copos ansiosamente erguidos à sua volta. — Ao início da busca para encontrar o amor!

Tem vinte e oito anos e está sentado numa limusina com cinco mulheres embriagadas, na primeira noite de filmagens da nova temporada do *Para Sempre*. Está com uma ex-rainha de um concurso de beleza, uma *blogger* de viagens, uma estudante de medicina, uma engenheira de *software* e uma Lauren. São todas bonitas e brilhantes e estão todas a tentar lidar com os nervos ingerindo quantidades absurdas de champanhe. Quando chegam às portas do castelo, as mulheres levantam os copos no ar, cheias de entusiasmo. Dev dá o gole obrigatório na bebida e pensa que gostaria que houvesse algo um pouco mais forte que anestesiasse a dor que sente de momento no seu coração demasiado grande.

Nas nove semanas seguintes, aquelas são as concorrentes que irá treinar para as câmaras, orientando-as nas Provas de Grupo, Cerimónias de Coroação e na criação das suas histórias de amor perfeitas. Se fizer bem o seu trabalho, dentro de nove semanas uma daquelas mulheres irá receber a Tiara Final e, com ela, o pedido de casamento, o Para Sempre.

E, talvez então, Dev consiga esquecer que, na sua vida, o Para Sempre nem sempre está garantido.

Faz uso do seu melhor sorriso de produtor.

— Muito bem, senhoras! Está quase na hora de conhecerem o Príncipe Encantado! — Um coro de gritos enche a limusina, e ele espera que voltem a acalmar-se. — Vou ter com o realizador para verificar se está tudo bem. Volto já.

Ato contínuo, uma assistente de produção abre-lhe a porta da limusina. Sai do carro.

— Ei, querido — diz-lhe Jules, com condescendência. — Como é que tens estado?

Ele ajusta a mala a tiracolo sobre o peito.

— Não me trates como se eu fosse um coitadinho — responde-lhe.

Ela já tinha dado meia-volta e iniciado marcha colina acima, em direção ao castelo.

— Se não queres que te trate como um coitadinho, acho que também não vais precisar *disto* — tira um pacote de *Oreos* de menta debaixo do braço — para te ajudar com a tua depressão incapacitante.

— *Incapacitante* é um adjetivo demasiado forte. Prefiro pensar que tenho uns salpicos de depressão.

— E quantas vezes, nas últimas vinte e quatro horas, é que choraste a ouvir a mesma música sobre separação do Leland Barlow?

— Verdade.

Sem interromper a marcha, Jules atira-lhe o pacote de *Oreos* para o peito. Depois, olha-o de soslaio como se estivesse à procura de evidências do ataque de choro que Dev teve há três horas no duche, sendo que o mesmo se repetira no carro a caminho do hotel onde fora apanhar as concorrentes. Os olhos de Jules fixam-se agora na sua roupa. Veste o seu uniforme habitual para a primeira noite: bermudas com bolsos fundos, uma *T-shirt* preta — para disfarçar as marcas de suor — e sapatos confortáveis que lhe permitam sobreviver a doze horas de filmagens.

— Pareces uma versão indiana do Kevin James num daqueles antes e depois de perder peso.

Ele exhibe um dos seus sorrisos encantadores e divertidos *à la Dev* e entra no jogo. Ela traz umas jardineiras de bombazina, uma *T-shirt* dos Paramore, as suas *Doc Martens* enormes e uma bolsa de cintura cruzada ao peito como se fosse uma espécie de faixa. O cabelo denso está no seu apanhado usual. Jules Lu é a típica rapariga de vinte e quatro anos residente em LA, com montanhas de dívidas em empréstimos estudantis, que aceitou um trabalho muito abaixo dos seus delírios de alguma vez vir a ser a próxima Greta Gerwig.

— Tu pareces aquela pessoa velha e triste dos concertos da Billie Eilish.

Ela mostra-lhe o dedo do meio em ambas as mãos ao entrar de costas pela porta de segurança. Ambos levantam os seus cartões para o segurança imediatamente antes de terem de se desviar de um carro de golfe que transporta dois assistentes de produção. Contornam a câmara que captura filmagens de até seis metros e avançam até ao primeiro assistente de direção, que os aborda com folhas de guião com marcações a rosa. Dev sempre se sentiu um bocadinho apaixonado pela magia e caos dos primeiros dias de filmagens.

De forma bastante rude, Jules chama-o de volta à realidade.

— Tens a certeza de que não queres falar sobre o assunto? — pergunta. Por «assunto», ela refere-se ao fim da relação que aconteceu há três meses, e ao facto de estar quase a reencontrar o seu ex-namorado pela primeira vez desde que dividiram os bens. Ryan acabou por ficar com a PS5, o apartamento e as melhores peças de mobiliário. Por sua vez, Dev ficou com as canecas colecionáveis da Disney e com os conjuntos de caixas de DVD. O «assunto» é o facto de Dev ter de trabalhar lado a lado com Ryan nas próximas nove semanas.

A última coisa que Dev deseja é abordar o «assunto», portanto, enfia três bolachas na boca. Jules inclina a cabeça e observa-o.

— Estou aqui para ti, sabes. Se quiseres... — Mas não acaba a frase, não consegue terminar a sua tentativa de estar lá emocionalmente para o ajudar. Em vez disso, retorna para a dinâmica de brincadeira usual entre ambos. — Avisa-me quando estiveres pronto para outra. Tenho pelo menos quatro tipos no meu ginásio que te posso apresentar.

— Oh, querida, não finjas que alguma vez puseste os pés num ginásio. Ela dá-lhe um murro no braço.

— Estou a tentar ser boa amiga, seu imbecil.

Jules é uma grande amiga, mas não se recupera assim tão facilmente de uma relação de seis anos, e a ideia de voltar a namorar fá-lo querer enfiar-se na cama por outros três meses. Não quer ter de comparecer a primeiros encontros esquisitos com homens *queer* elegantes e bem arranjados de West Hollywood que não conseguem ver para lá do seu aspeto escanzelado, das calças compradas no Costco e dos seus óculos graduados sem estilo.

Pensou que estava livre de primeiros encontros para sempre.

— Acho que vou tirar uma licença sabática no que diz respeito a homens — diz-lhe, com uma indiferença ensaiada, enquanto continuam o percurso em direção à Central de Comando. — Vou concentrar-me apenas em dirigir as histórias de amor dos outros.

Jules faz um desvio até à mesa de bufê, para ir reabastecer-se de café frio.

— Sim, bem, vais ter muito trabalho nesta temporada. Já conheceste o Sr. Príncipe Encantado?

— Ainda não, mas não pode ser assim tão mau quanto levam a crer nas conversas de grupo.

— Ele é *pior*. — Bate palmas para enfatizar dramaticamente cada palavra. — Ele. É. Um. *Desastre*. A Skylar diz que ele vai arruinar a temporada. Que vai arruinar *carreiras*.

Dev ficaria mais preocupado se Skylar Jones não tivesse previsões apocalíticas logo na primeira noite de filmagens.

— A Skylar acha sempre que todas as temporadas vão ser a última. Duvido muito que o Charles Winshaw seja o fim de um programa que já existe há vinte anos. Além disso, o Twitter está fora de si com a escolha do elenco.

— Bem, aparentemente a sessão de fotos foi terrível. Levaram-no para a praia e ele quase caiu do cavalo branco.

Dev consegue admitir que aquilo não soa *nada* bem.

— O Charles não é deste meio. Provavelmente, só precisa de algum tempo para se acostumar às câmaras e às luzes. É compreensível que sejam demasiadas coisas a que se habituar.

Jules revira os olhos.

— Trazer alguém de fora não vai convencer ninguém de que estas influenciadoras do Instagram entraram no programa por *amor*.

— Elas não são influenciadoras do Instagram — insiste Dev. Jules Lu revira novamente os olhos. — A *maioria* não é influenciadora do Instagram. E é claro que estão aqui por amor.

— Claro, nunca para promover as suas linhas de bandoletes festivaleiras na Etsy — responde ela. — As únicas pessoas que realmente participam neste programa por amor estão tão doutrinadas pela complexidade industrial dos casamentos, e tão convencidas de que o seu

valor individual está ligado ao casamento que, literalmente, se convencem a si mesmas de que estão apaixonadas por uma pessoa com quem passaram apenas umas míseras dez horas.

— É mesmo triste ver alguém tão jovem ser tão cínico.

— E é tão triste ver tanto idealismo cego em alguém tão velho. — Atira-lhe uma bolacha, apesar de saber que ela, em certa medida, tem razão. Sobre Charles Winshaw, não sobre o amor e o casamento.

Nos seis anos em que Dev trabalhou para a produção do *Para Sempre*, a nova estrela foi sempre escolhida de entre os rejeitados favoritos dos fãs da temporada anterior. No entanto, esse padrão estava a gerar críticas ferozes dentro da Família dos Contos de Fadas, a ponto de pôr em causa o realismo romântico do programa. Em vez de participarem no programa para encontrar o amor, algumas pessoas estavam a inscrever-se para se tornarem na próxima estrela. Por isso, a produtora do programa, Maureen Scott, decidiu escolher um completo estranho para a nova temporada, a fim de agitar as coisas.

Charles Winshaw — o enigmático génio da tecnologia milionário com abdominais inexplicáveis — é bom para a audiência, independentemente de conseguir ou não manter-se em cima de um cavalo.

Dev tira uma cópia da revista *People* da sua mala. É a edição com a nova estrela do programa, com as palavras «*O Solteiro Mais Desejado de Silicon Valley*!» atravessadas na capa. Caracóis louros, maxilar largo e uma covinha no queixo. Um Príncipe Encantado perfeito.

À medida que se afastam da mesa, o Sol começa a pôr-se atrás das torres gémeas do castelo, iluminando tudo à volta com uma luz alaranjada suave. Fios de luzes cintilantes brilham nas árvores como estrelas, e o ar está perfumado com os ramos de flores, exatamente como nos contos de fadas que Dev imaginava quando era pequeno.

— É uma confusão de merda, Dev! Uma autêntica confusão de merda! — grita Skylar Jones, quando entram na tenda da Central de Comando. Está a meio de uma embalagem de *Tums*, o que nunca é bom sinal quando a noite mal começou.

— Por que motivo é que é uma confusão de merda?

— Porque esta temporada está completa e epicamente lixada!

— Tenho imensa pena de ouvir que estamos assim tão lixados ainda antes de começarmos. — Dev põe um auricular no ouvido enquanto Jules lhe entrega um *walkie-talkie* da estação de carregamento. — Isto tem que ver com o facto de ele quase ter caído do cavalo?

— Quem me dera que ele *tivesse* caído do cavalo — resmunga Skylar. — Talvez se tivesse sido pisado, pudéssemos ter contratado um dos Jonas Brothers ou um Hemsworth menos conhecido.

— Acho que todos os Jonas e os Hemsworths estão casados.

— Ah, é por isso que estamos entalados com um *nerd* de informática com prisão de ventre?

Dev sabe que é melhor não se rir da sua chefe. Enquanto mulher negra e *queer*, não foi por via da descontração que Skylar Jones se tornou na realizadora principal de um programa de televisão gigantesco. Quando desenvolveu alopecia feminina precoce antes dos quarenta anos, devido ao stresse do trabalho, simplesmente rapou o cabelo todo.

— Como é que posso ajudar, Sky?

— Diz-me tudo o que sabes sobre o Charles Winshaw.

— Hum... o Charles Winshaw... — Dev fecha os olhos. Imagina as folhas de cálculo que criou com base nas verificações dos antecedentes de *networks* e pesquisas no Google para a preparação desta temporada, e enumera o que sabe aceleradamente. — Tem a inteligência do Steve Wozniak e o corpo de um super-herói da Marvel. Concluiu o ensino secundário aos dezasseis anos, quando ganhou um concurso de programação e uma bolsa de estudos completa para Stanford. Lançou a sua tecnologia *startup*, a WinHan, com o seu colega de quarto, Josh Han, antes de completar vinte anos. Abandonou a sua empresa aos vinte e seis e agora direciona a Fundação Winshaw, enquanto milionário de vinte e sete anos. Já apareceu nas capas da *Time* e da *GQ*, mas tem sido notoriamente reservado até agora, por isso pouco se sabe acerca da sua vida amorosa. Mas... — Dev agita os braços. É nisso que ele é bom. — Considerando a informação que temos, diria que o Charles está à procura de uma mulher entre os vinte e cinco e os trinta anos, de altura não superior a um metro e sessenta e sete. Atlético, mas não particularmente fã de atividades ao ar livre. Uma mulher que seja equilibrada e ambiciosa, que tenha a sua vida organizada e objetivos bem definidos

para o futuro. Inteligente, mas não mais inteligente do que ele, apegada à família e extrovertida. Ele vai dizer-nos que está à procura de alguém apaixonante e com um ótimo sentido de humor, mas o que realmente quer é alguém descontraído e conciliador, que se habitue facilmente à vida que ele leva em São Francisco. Com isto, já preparei as pastas das candidatas mais prováveis de chegarem ao *top* três.

Skylar faz um gesto ao resto da tenda.

— E é por isto, malta, que o Dev é o melhor.

Dev responde-lhe com uma pequena reverência de troça na direção de um misturador de som e Skylar dá-lhe palmadinhas nas costas.

— Eis o que vais fazer, Dev. Vai a correr até ao portão do lado oeste, até ao carro do Charles, e leva-o para onde ele devia estar.

Apesar de gostar de uma boa correria, especialmente na primeira noite de filmagens, ele não se mexe.

— Não deveria ser o Ry... quer dizer, não deveria ser o responsável pelo Charles a levá-lo?

— Agora, o Charles é da tua responsabilidade. Isto sou eu a realocar-te. A menos que queiras que este programa vá pelo caminho do *Average Joe*, sugiro que deixes de estar aí especado com a boca aberta e te apresses *realmente*.

Dev continuou parado no seu lugar.

— Desculpa, mas não estou a perceber. Sou responsável pelas concorrentes, e... o Ryan é que é o responsável pelo príncipe.

Ryan Parker é bom a relacionar-se com idiotas convencidos, e Dev é bom a orientar mulheres. Como toda a equipa descobriu recentemente, depois do fim público da sua relação na festa do seu vigésimo oitavo aniversário, os dois nunca foram bons um para o outro.

— Pois, mas o Ryan não conseguiu as imagens que eram necessárias para a sessão de pré-produção, portanto, foi transferido para a supervisão de produção. Tu vais ficar com o príncipe que era dele. Ouve — Skylar segura-lhe o rosto com as mãos, ignorando notoriamente os avisos recentes sobre os limites físicos que é importante respeitar no local de trabalho —, és o melhor responsável que temos, e vamos precisar do melhor dos melhores com este homem.

A única coisa que Dev adora mais do que o programa em si é ser elogiado pelas suas capacidades como produtor do mesmo.

— Se vamos fazer esta temporada funcionar, preciso que o Dev *que-Acredita-Verdadeiramente-em-Contos-de-Fadas* Deshpande oriente a nossa estrela. Podes fazer isso por mim?

Não chega a pensar no seu próprio conto de fadas fracassado, simplesmente diz o que a sua chefe quer ouvir.

— Claro que posso.

— Excelente. — Skylar vira-se para Jules. — Vai procurar a pasta do Charles e entrega-a ao Dev. Vais ser a sua assistente de produção durante esta temporada. Ajuda-o com o Charles. Agora vão, os dois. Está quase a anoitecer.

Dev nem consegue desfrutar o tempo suficiente do olhar de repulsa na cara da Jules, por ter sido nomeada sua assistente pessoal. Tudo o que ele consegue pensar é no facto de estar prestes a ver Ryan pela primeira vez em três meses, depois de lhe roubar o trabalho.

Não há tempo para ficar a pensar no assunto. Faz o que lhe foi pedido. *Põe-se a correr* em direção ao portão oeste, onde a limusina está parada com a sua estrela.

Talvez aquilo seja uma coisa boa. Talvez seja melhor. Ele consegue orientar mulheres de olhos fechados, mas Charles Winshaw vai ser um desafio. Um desafio do tipo a que ele se possa dedicar de corpo e alma e perder-se nas luzes ofuscantes e nas histórias bonitas.

Corre em direção à limusina, estica a mão para a maçaneta da porta de trás sem parar e, provavelmente por entusiasmo, abre a porta com mais força do que seria necessário, fazendo o Príncipe Encantado cair desajeitadamente do carro e aterrar diretamente a seus pés.

Charlie

— Acham que a coroa é um exagero?

Maureen Scott não levanta os olhos do telemóvel ou sequer dá qualquer sinal de ter ouvido o que ele disse.

Charlie ajeita-se desconfortavelmente no banco de trás do carro, sentindo o fato a ajustar-se de forma irritante ao peito. O próprio corpo

parece-lhe estranho desde que o depilaram, bronzearam e borrifaram com um perfume demasiado forte. Ao menos, poderiam tê-lo deixado tirar a coroa, para que não se parecesse tanto com uma versão *stripper* do Príncipe William. Chegou até a verificar duas vezes se o fato não era daqueles que podem ser arrancados com um puxão.

(Não é. No entanto, havia cláusulas suficientes de nudez no seu contrato para levantar preocupações legítimas.)

Olha para a revista casualmente pousada no banco entre eles e experimenta a dissonância cognitiva de se ver em fotografias. Se, nesse momento, pudesse ver-se ao espelho, sabe que a sua cara estaria vermelha e suada, franzida de ansiedade nos cantos dos olhos e da boca. Mas o homem que vê na capa da revista não está de modo algum preocupado. O seu rosto é suave, os olhos amigáveis, a boca inclinada descontraidamente no canto. O homem na capa da revista é um estranho.

O homem na capa é uma *mentira* — uma mentira com a qual terá de viver nos próximos dois meses. Fez um acordo com o diabo e não tem grande controlo sobre as circunstâncias presentes, mas, pelo menos, pode tirar aquela estúpida coroa de plástico. Levanta a mão.

— Não faças isso, querido — diz Maureen Scott friamente, com os olhos ainda no telemóvel.

Mesmo com aquele *querido*, ele consegue perceber uma ponta de agressividade nas suas palavras, e as suas mãos caem impotentes a seu lado. Portanto, está preso à coroa.

Ou... podia saltar do veículo em andamento e acabar com aquela parvoíce, aquele golpe publicitário equivocado, nesse mesmo instante. Testa a maçaneta da porta, mas claro que está trancada. Rotularam-no como estando em risco de fuga, razão pela qual a criadora do programa veio acompanhá-lo pessoalmente ao estúdio de gravação.

Há dois dias, a equipa do *Para Sempre* levava-o para uma praia onde esperavam que montasse um cavalo branco para a sequência introdutória do programa, à imagem do Príncipe Encantado que deveria ser. Segundo consta, os Príncipes Encantados devem saber intrinsecamente como montar um cavalo. Definitivamente, não devem ter *medo* de cavalos. Em vez de se mostrar imponente e viril, continuou a encolher-se na

sela, a atrasar as filmagens e a não conseguir esconder as caretas a cada solavanco desconfortável. Quando o Sol se pôs, estavam todos irritados com as imagens. A mulher careca que comandara a sessão chegou mesmo a chamá-lo de «impossível de direcionar».

O que, na verdade, é bastante sincero.

Tenta lembrar-se do que a sua RP disse antes de partir:

— És o Charlie Winshaw, caraças. Construíste uma empresa de tecnologia bilionária ainda antes de tirares o aparelho dos dentes. Consegues lidar com o *Para Sempre*.

— Mas perdi essa mesma empresa — murmurou, como resposta. Parisa fingiu que não tinha ouvido. Ela sabe o que ele perdeu. Por isso é que ele está *ali*. É a sua última oportunidade de recuperar tudo.

Sente a pressão sobre si como um peso morto e, antes que a sua ansiedade generalizada se torne num autêntico ataque de pânico, lembra-se das estratégias para se acalmar: três respirações profundas; contar até trinta em sete idiomas; dedilhar «calma» em código Morse treze vezes no joelho.

Maureen Scott para de teclar freneticamente no ecrã do telemóvel e olha para ele. Olha *realmente* para ele pela primeira vez em toda a tarde.

— Que vamos fazer contigo? — murmura ela, com uma voz doentivamente doce.

Quer recordá-la de que foi *ela* quem *o* procurou. Ela é que cansou a sua RP durante meses até ele concordar em participar no programa. Mas não diz nada.

— Precisas de te acalmar — diz-lhe, arrastando as palavras, como se essa história de pedir aos outros que se acalmem alguma vez na história da humanidade tivesse surtido efeito. O penteado *bob* prateado de Maureen balança elegantemente quando ela lhe atira um olhar ameaçador. — O futuro de todos nós depende disto. Tu precisas de uma mudança na tua imagem pessoal, por razões óbvias. Este programa também precisa disso. Não estragues isso para todos.

Ele gostava que ficasse registado que não estraga as coisas de propósito. Gostava muito de ser uma pessoa que não estraga as coisas de todo. Se fosse esse tipo de pessoa, não seria a nova estrela de um programa de televisão sobre namoros.

Maureen semicerra-lhe os olhos com astúcia.

— Deixa de parecer tão sombrio, querido. Vais andar em saídas com vinte mulheres lindas e, quando tudo terminar, pedes a que restar em casamento. Que é que há de tão errado nisto?

Que é que há de tão errado com namoros fabricados na televisão quando ele já não tem um encontro a sério há dois anos? Que é que há de tão errado em ficar noivo de alguém quase desconhecido em prol da promessa ténue de que talvez consiga voltar a trabalhar quando tudo acabar?

Nada. Absolutamente nada. Sente-se maravilhosamente bem com tudo.

Por outro lado, é provável que precise de vomitar.

— E quem sabe — diz a Maureen com um tom de voz meloso —, talvez até encontres o teu verdadeiro amor no final.

Isso não vai acontecer. Essa é a única certeza que tem.

O carro para suavemente e Maureen guarda o telemóvel no bolso.

— Pronto, quando sairmos, vais conhecer o Dev, o teu novo assistente. Ele vai orientar-te na cerimónia inicial.

Charlie gostaria de perguntar qual foi o problema com o seu antigo assistente, mas assim que o motorista desliga o carro, Maureen sai sem mais uma palavra e desaparece na escuridão da noite. Ele não tem a certeza se deve segui-la ou simplesmente ficar no carro como uma marioneta bonita até que alguém apareça para manusear as suas cordas.

Acaba por escolher a primeira opção, recusando-se a abrir mão de cada gota do seu livre-arbítrio ao embarcar naquela jornada de dois meses no inferno da televisão. De forma dramática, apoia todo o seu peso contra a porta... que acaba por ceder com uma facilidade suspeita.

Porque acontece que alguém abre a porta naquele exato momento, fazendo-o perder o equilíbrio. Com um só movimento fluido, acaba estatelado aos pés de alguém.

— Merda. Estás bem?

De repente, sente mãos a agarrarem-no, levantando-o até ficar de pé, tal qual uma marioneta bonita. As mãos são de um homem alto de pele escura, cuja maçã de Adão está ao nível dos olhos de Charlie. Há algo muito desconcertante em ter de levantar tanto o olhar para ver outra

pessoa. Mas levanta o olhar. Mações do rosto dramáticas e olhos intensos por trás de óculos com armação de massa, e uma boca divertida. O homem segura-o pela frente do seu fato (Dev?), passa os dedos pelo cabelo de Charlie para ajustar a coroa, e é demasiado.

Demasiado contacto físico.

Demasiado *tudo*, demasiado depressa.

A ansiedade assalta-lhe o cérebro e, em pânico, lança-se para trás contra a porta do carro, numa tentativa de quebrar a proximidade entre eles. Em resposta, o novo responsável levanta uma sobrancelha.

— Então, nada de toques, é isso? — Faz um sorriso assimétrico a Charlie, como se tudo aquilo fosse uma grande piada.

Para si, o contacto físico nunca é uma piada. Regra geral, não odeia, mas prefere receber um aviso prévio e que haja desinfetante para as mãos por perto. Mas percebe que se inscreveu naquele programa no qual o toque é necessário, por isso tenta explicar-se.

— Podes tocar-me onde quiseres — começa ele. Depois, ao ver a outra sobrancelha do homem a erguer-se, percebe que formulou a frase de forma inapropriada. — Não, espera, o que eu quis dizer era que... não me importo que me toques, mas se pudesses apenas... hum... se pudesses lavar as mãos primeiro? Não é que eu ache que estejas sujo. Tenho a certeza de que estás muito limpo. Quero dizer, cheiras a lavado. Mas tenho uma paranoia com germes, e talvez se me pudesses avisar? Antes de me tocares?

É o que dá tentar comunicar verbalmente com um estranho. No início, o seu responsável limita-se a encará-lo em silêncio, de boca aberta. E então...

— Não! — diz-lhe ele, firmemente. — Volta para o carro.

Dev abre a porta do carro e dá chutos nas pernas de Charlie com a biqueira dos seus *Converse*. O regresso de Charlie ao carro é tão gracioso quanto a sua saída há dois minutos. Tenta recuar para abrir espaço para o homem extremamente alto que está agora quase sentado em cima dele.

Dev pede ao motorista que saia do carro.

— Desculpa — exclama Charlie.

Pedir desculpa parece-lhe sempre boa ideia quando não entende a situação social em que está, e não tem absolutamente ideia nenhuma do que se está a passar nesse momento.

— Por favor, *para de falar!* — Dev enfia as mãos numa mala de ombro enorme e tira um pequeno frasco de desinfetante verde. Esfrega as mãos, e Charlie fica estranhamente comovido com o gesto. Mas, quando percebe que o desinfetante para as mãos significa mais toque, fica estranhamente assustado com o gesto.

— Inclina-te para a frente — ordena Dev.

— Hã...

— Rápido! Inclina-te para a frente!

Charlie inclina-se e aquele autêntico estranho leva o braço até às suas costas e liberta-lhe a camisa na cintura, com dedos quentes que deslizam sobre a sua pele. E, sim, naqueles últimos dias, aprendeu que as pessoas em Los Angeles são muito estranhas no que toca a espaço pessoal e corpos nus, mas Charlie não é esse tipo de pessoa. Não está acostumado a ser apalpado dentro de carros por homens que usam bermudas verdadeiramente horrendas.

A cada vez que o tocam, os dedos de Dev parecem soltar pequenas picadas, enquanto manuseia o cinto bege de microfone que foi instalado no corpo de Charlie no estúdio. Depois de quinze agonizantes segundos, que Charlie conta com a maior atenção possível para se impedir de entrar em desespero, Dev afasta-se e recosta-se no banco. Charlie solta por fim o ar que esteve a suster nos pulmões.

— Caraças, meu. Estavas sujeito.

— Eu... *o quê?*

— O teu *microfone*. — Dev aponta para o sítio onde a camisa de Charlie está solta na parte de trás, e depois aponta para o seu próprio auricular, no qual alguém está presumivelmente a gritar alguma coisa. — Alguém deixou o teu microfone ligado desde há bocado, e estavas dentro do alcance de som. Tens de estar sempre atento a um microfone ligado. Considera isto a primeira lição do teu novo responsável: tudo o que disseres pode ser tirado de contexto. O teu monólogo sobre deixares-me tocar-te poderia facilmente ser inserido num contexto completamente diferente.

— Ah. — De repente, lembra-se de que estão em pleno junho no sul da Califórnia, e está a suar sem ar condicionado. — Certo. Está certo. Sim, desculpa.

A meio metro de distância, o seu novo responsável estuda-o cuidadosamente por trás dos óculos. Charlie consegue manter contacto visual por um Mississípi, dois Mississípi¹, depois olha para baixo e ajusta nervosamente as mangas.

— Magoaste-te? Quando caíste do carro? — pergunta Dev, suavemente. — Pareces estar com dores.

— Ah. Hum, não.

Dev enfia de novo as mãos na mala de ombro.

— Tenho analgésicos, bálsamo *Tiger* e pensos rápidos. Do que é que precisas?

— N... nada — murmura ele. — Estou bem.

Dev está a embalar um *kit* completo de primeiros socorros nos braços.

— Mas então e a tua cara? Está toda franzida como se estivesse com dores.

— Hum... isso é só a minha cara.

Ao ouvir aquilo, Dev atira a cabeça para trás e ri-se. Uma das principais falhas de Charlie na vida em geral é a sua incapacidade de entender se alguém se está a rir *com ele* ou a rir *dele*. Regra geral, a segunda opção é a mais frequente.

— É confuso — observa Dev, num tom que quase leva Charlie a pensar que se está a rir com ele —, porque pareces aqueles modelos dos anúncios chiques de perfumes, mas ages claramente como os dos anúncios de medicamentos para problemas intestinais.

— Consigo ser os dois ao mesmo tempo.

— Neste programa, não podes. — Dev agarra na revista *People* debaixo dele e aponta o dedo para a cara estampada na capa. — Se for para isto funcionar, tens de ser *este* tipo para as câmaras.

Charlie olha para a versão de si na revista, à procura de uma forma de se explicar. *Eu não sou essa pessoa. Não sei ser essa pessoa. Isto foi um erro e dos grandes.*

¹ Sistema de contagem utilizado especialmente nos estados a sul da América do Norte, em que se prolonga por cerca de um segundo o tempo entre os números. (*N. da T.*)

— Eu...

A porta do carro abre-se atrás de Dev. Ele consegue evitar cair com bastante facilidade.

— Dev! Que raio estás aqui a fazer? Estamos atrasadíssimos e a Skylar vai despromover-nos e meter-nos no *casting* se não levarmos o príncipe para o seu lugar neste exato momento.

A baixinha com mau feitio estende o braço na direção de Charlie.

— Jules Lu. Prazer em conhecer-te. Sou a tua assistente de produção. O meu trabalho é garantir que estás onde deves estar quando lá deves estar. E, neste momento, não estás onde deverias estar.

— Desculpa. — Ele olha para a mão dela, mas não a cumprimenta.

— Hum, te... também te conhecer.

— Ele acha que aquilo foi uma frase? — pergunta Jules a Dev. — Meu Deus, estamos mesmo lixados.

Jules arranca Dev do carro, e Dev arranca Charlie. O que quer que Charlie estava prestes a dizer a Dev é engolido pela loucura à sua volta. Seguem os três em direção ao cenário, que se espera que pareça um conto de fadas. O castelo está iluminado ao longe, e o apresentador do programa, Mark Davenport, aguarda-os em frente a uma fonte ornamentada. Há luzes cintilantes, flores e uma carruagem puxada por cavalos que parece ter sido roubada diretamente à Cinderela.

Deveria parecer um conto de fadas, mas o castelo é na verdade apenas a casa de um milionário qualquer de Pasadena e, por todo o lado, existem membros da equipa vestidos de preto aos berros. Mark Davenport grita com a sua assistente a respeito de *kombucha* até ela começar a chorar.

Então, não é *nada* como Walt Disney teria imaginado.

— Fica aqui. — Dev faz um gesto com a mão para um pequeno *x* em fita adesiva no chão e avisa Charlie antes de, uma vez mais, deslizar as mãos pelas suas costas para ligar o microfone. Charlie fica tenso. É isto. Não pode voltar atrás, não pode desistir, não se pode esconder. Se pensar demasiado no último ano e em todas as coisas que o trouxeram ali, àquele ato de desespero, sabe que não se conseguirá manter firme.

— Lembra-te — diz Dev baixinho e próximo do ouvido de Charlie —, todos na Central te conseguem ouvir agora.

Charlie engole o nó que se formou na sua garganta.

— Pareces miserável.

— Provavelmente porque me *sinto* miserável.

— *Microfone.*

— Eu estou... ah... miseravelmente feliz por estar aqui.

— Uma recuperação *muito* convincente. Está-te no sangue.

Charlie sorri apesar de tudo, e Dev explode de entusiasmo.

— *Sim! Sim!* — Faz um quadrado com os dedos e semicerra um olho como se estivesse a alinhar algum enquadramento. — Assim mesmo! Sorri assim quando as câmaras estiverem ligadas.

Contudo, o sorriso de Charlie cai por terra assim que Dev o refere.

— Bem, agora parece que vais vomitar.

— É porque, provavelmente, vou.

— Não vais nada vomitar! Estás prestes a conhecer vinte mulheres que estão todas aqui à procura de encontrar o amor em ti! — Dev parece acreditar que é uma perspetiva encantadora, como se o sonho de Charlie de viver um conto de fadas estivesse prestes a tornar-se realidade. Como se Charlie tivesse o sonho de algum dia viver um conto de fadas. — Vai ser incrível!

Esquecendo-se da regra de aviso prévio antes de qualquer toque, Dev envolve os bíceps de Charlie com uma mão, queimando-o mesmo através das várias camadas de roupa. Charlie fica sem certezas do que se está a passar com o seu próprio corpo, mas não é bom. Na verdade, talvez seja muito, muito mau.

Dev aproxima-se mais ainda, com a respiração quente a tocar a bochecha de Charlie. Ele cheira a açúcar, chocolate e mais alguma coisa que Charlie não consegue identificar.

— Eu sei que estás assustado, mas no final de tudo, sei que vais encontrar o *amor* — sussurra-lhe Dev. — Dentro de nove semanas, vais ter uma *noiva*.

É nesse exato momento que Charlie vomita realmente, mesmo em cima de Dev.

Dev

Há vômito nos seus *Converse*.

É verdade que acaba sempre com vômito nos sapatos na primeira noite de filmagens, mas é costume acontecer ao amanhecer e não ao

entardecer. Além disso, o vômito é proveniente de uma das concorrentes que acabou por beber demais, e não do próprio Príncipe Encantado.

Por outro lado, acontece que Charles Winshaw não é a definição de Príncipe Encantado de ninguém, não obstante o muito que aparenta sê-lo. Porque sim, ele parece mesmo. Com ombros largos e um fato que não esconde a sua excelente forma física, nariz reto e maxilar bem definido e doce — a mesma doçura que apanhou Dev desprevenido quando lhe caiu aos pés junto ao carro. Todos os homens que participam no programa são atraentes. Nenhum deles alguma vez foi doce.

Mas também nenhum deles alguma vez foi assim *tão bonito*. Charles Winshaw é, de uma maneira ou de outra, o homem mais bonito que Dev já viu na vida, mesmo com restos do próprio vomitado no queixo. Mesmo que o que diga não faça sentido nenhum. Mesmo com todo o seu suor nervoso.

(Talvez especialmente com todo o seu suor nervoso.)

— Eu... eu... peço imensa desculpa — gagueja.

Qualquer irritação que Dev sentisse por conta do vomitado desaparece quando vê os enormes olhos de Charles Winshaw. Parece-lhe um passarinho assustado. Um passarinho com menos de um quilo de peso, com ansiedades e fobias a germes bastante intensas e que não consegue formar uma frase completa.

Um homem da equipa de cenografia chega com uma mangueira para limpar descontraidamente o vomitado da calçada, e acaba por molhar Dev com a água fria, o que está bastante de acordo com o decorrer habitual das suas noites.

— Eu... a sério... lamento imenso — diz Charles uma vez mais, enquanto a equipa de maquilhagem se aproxima para tratar da sua cara sem perder um instante.

Os restos de vômito são removidos do seu queixo, as luzes são ajustadas e, do escuro, o primeiro assistente de direção grita:

— Últimos retoques, por favor! — Com Charles estando ou não pronto para se tornar no Príncipe Encantado.

O que, definitivamente, não está. Parece macilento e adoentado, e Dev gostaria de ficar ao seu lado, mas o assistente de direção grita para dar início à cena, e Dev acaba por sair do enquadramento no último segundo.

Estão a gravar. O som dos cascos dos cavalos na pedra húmida preenche o estúdio — agora em completo silêncio. Depois, a carruagem aparece em direção à fonte onde Charles a espera. A câmara número um foca-se em Charles, enquanto a número dois filma a porta a ser aberta. Uma mulher de vestido azul sai. Com grandes olhos azuis a combinar com o vestido, caracóis louros como a areia da praia e uma figura esguia. Sorri timidamente ao ver Charles, e traz um colar com uma cruz a realçar o seu generoso decote.

Chama-se Daphne Reynolds e é a ex-rainha da beleza da limusina de Dev. Não é surpresa nenhuma que Maureen a tenha mandado sair da carruagem primeiro. Francamente, parece ter sido impressa numa impressora 3D com o objetivo de criar a próxima vencedora do *Para Sempre*. Dev sabe, pelos estudos do seu perfil, que tem um diploma universitário e que o pai é sacerdote, o que significa que satisfaz perfeitamente os fãs conservadores do programa sem alienar a ainda maior base de fãs feministas, que dizem seguir o programa por ironia.

— Olá — cumprimenta Daphne, com os saltos a bater nas pedras da calçada.

Charles não lhe devolve o «olá». Charles nem se mexe. Fica de pé junto à fonte, com os braços rígidos e desajeitados, quem sabe se estarão sequer colados ao seu próprio corpo, sem reagir à mulher bonita que se aproxima dele. Nenhum sorriso. Nenhum sinal de desejo.

Talvez devido à sua indiferença, Daphne hesita em aproximar-se. Gagueja, para e parece considerar, por breves instantes, saltar por cima do portão. Acaba por dar mais um passo à frente e os seus saltos prateados resvalam no vestido ou nalguma pedra especialmente molhada, fazendo-a escorregar e cair mesmo em cima do muro imóvel e estoico que é Charles Winshaw. Seria uma primeira cena quase perfeita e adorável — apesar de pouco convencional para o programa — não fosse o facto de, em vez de estender o braço para resgatar Daphne, Charles se ter encolhido e recuado quando ela lhe tocou no peito. A donzela acaba por se endireitar sem a sua ajuda.

— Parem! *Parem!* — grita Skylar. A realizadora sai a correr do Comando Central e entra no cenário, com as câmaras a continuar a gravar o episódio do *Para Sempre*.

— Mas que raio foi isto? Como é que é possível que duas pessoas tão atraentes sejam tão *pouco* atraentes juntas? Vamos filmar outra vez!

O responsável de Daphne acompanha-a de volta à carruagem e refazem a cena de abertura da porta. Desta vez, Daphne não tropeça, mas Charles continua a parecer desinteressado, e o casal acaba por apertar as mãos como se estivesse numa reunião de negócios. Por essa razão, a cena volta a ser gravada. E depois novamente. À quinta vez, Jules começa a esconder-se de tanta vergonha alheia nas jardineiras, Charles parece prestes a vomitar outra vez devido à tensão, e Skylar grita palavras a toda a gente pelos auriculares.

Dev tem de fazer alguma coisa antes que esta temporada se torne *mesmo* num completo desastre. Acena com as mãos à frente da câmara para chamar a atenção de Skylar na Central e pede que seja feita uma pausa de cinco minutos. Depois corre pelo pátio em direção à primeira limusina, onde as restantes concorrentes aguardam pela sua vez na carruagem.

— Senhoras! — cumprimenta-as ao entrar. — Como vão as coisas aqui dentro?

Estão há mais de duas horas sozinhas na limusina com garrafas de champanhe fornecidas pela nova responsável, Kennedy, que parece ter ficado ligeiramente perdida com a repentina e inesperada subida de posto. As mulheres respondem-lhe com gritos e comemorações. Parecem estar no meio de alguma festa dançante. Dev lamenta, por breves instantes, o facto de não poder passar as próximas nove semanas rodeado daquelas mulheres incríveis.

— Desculpem-me por tê-las abandonado, mas puseram-me antes a trabalhar com nada mais, nada menos do que o vosso Príncipe Encantado. Que, a propósito, está um pouco nervoso por conhecer tantas mulheres bonitas. — Um «*oooh*» coletivo espalha-se pela limusina. *Perfeito*. — Parece-me que ele precisa da vossa ajuda para se acalmar.

Vira-se para Angie Griffin, a estudante de medicina, que é a próxima mulher a sair da carruagem. Angie tem uma cara bonita em forma de coração, enquadrada por um *afro* também atraente e um sorriso traquina, o que faz dela a candidata perfeita para descontrair aquele *nerd* das tecnologias.

— Estou a pensar no seguinte, Angie, e se fores lá fora e o fizeres dançar um bocadinho? — Dev termina a frase com um movimento de ombros demonstrativo.

A rapariga parece considerar o risco de uma potencial humilhação em plena televisão nacional *versus* a emoção de dançar com Charles Winshaw. Passados uns segundos, engole o resto do champanhe de um trago.

— Vamos a isso! — diz, empolgada, e Dev sabe que vai ser uma cena perfeita. Essa parte está resolvida.

Sai da limusina e volta a correr até Charles para a segunda parte do seu plano.

— Vou tocar-te de novo — avisa e, por Deus, Charles *fica corado* quando ele estica a mão para lhe ajeitar os caracóis louros por baixo da coroa. Não consegue sequer imaginar como é que vai sobreviver a nove semanas de apalhões por parte das mulheres. — Muito bem. Vou precisar que ligue o interruptor.

— Que o ligue? — Charles repete cada palavra devagar, como se a estivesse a examinar. Dev observa a sua boca a tentar compreender o que lhe foi dito, vê-o a pressionar a língua contra a parte de trás dos dentes brancos e direitos. Cai em si e obriga-se a parar de olhar para a boca daquele homem.

— Sim. Torna-te no homem dos anúncios de perfumes. Faz o que tinhas de fazer quando falavas em frente a multidões na WinHan. *Liga o interruptor.*

A expressão na cara de Charles seria hilariante, se não fosse perfeitamente patética e se ele não estivesse em risco de destruir o programa.

— Tu consegues fazer isto — encoraja-o Dev, sem alguma prova ou segurança de que seja verdade. Acontece que Dev é bom a acreditar em coisas das quais os outros desistem com facilidade. — Eu acredito em ti.

Sai do campo de visão das câmaras.

Alguns minutos depois, Angie sai da carruagem e avança em direção a Charles a dançar, e este não parece repugnado quando a vê. Deixa que ela lhe ponha as mãos nos quadris e dançam juntos em redor do pátio, sendo que Charles acaba mesmo por sorrir — genuinamente — para as câmaras. É autêntico ouro televisivo e Skylar soa satisfeita no auricular de Dev.

Depois daquilo, Charles relaxa mais um pouco a cada mulher que conhece. Quando as concorrentes optam por escolhas ousadas para as suas grandes entradas, como saírem vestidas de canguru porque são australianas ou usarem barrigas de grávida porque querem ser mães dos filhos dele, ele aceita tudo com a maior das naturalidades. Grava todas as vinte saídas da carruagem sem vomitar outra vez, e a equipa fica toda impressionada com a orientação de Dev. Ao que parece, já ninguém tinha esperança.

— Estás a sair-te espetacularmente bem! — diz Dev, quando as câmaras se preparam para avançar para o interior do castelo para o discurso de boas-vindas de Charles às candidatas ali reunidas. Charles cora e sorri para os pés em tom de resposta, como se tivesse sido a coisa mais carinhosa que alguém lhe tivesse dito.

Por instantes, Dev fica preocupado com a possibilidade de aquilo ter sido *mesmo* a coisa mais carinhosa que alguém lhe dissera. Aproxima-se para ajeitar o cabelo de Charles.

— Então e, à primeira vista, qual das concorrente faz mais o teu estilo?

Charles afasta-se dos seus dedos.

— Hã... nenhuma?

A irritação começa a formar-se no peito de Dev.

— Que tal a Daphne? Vocês são os dois tímidos e um bocado... estranhos.

— Qual delas é que era a Daphne?

— A do vestido azul... a primeira a sair da carruagem. Filmámos a cena *cinco vezes*.

— Ah... Eu... — Fim de frase.

Ao reparar numa câmara por perto, Dev baixa o tom de voz.

— Não te consigo ajudar se não souber o que estás à procura na tua parceira.

Como resposta, Charles dá um passo elegante para o lado que quase o faz cair de cara numa suculenta.

— Na minha parceira? Tipo, «na minha mulher»? Mas... quer dizer, eu não sou... Não é para isso que eu... Mas este programa é *falso*.

A irritação inicial transforma-se num incêndio devastador no estômago de Dev.

— Que queres dizer com *falso*? — As sobrancelhas franzem-se em clara confusão.

— Quero dizer que o programa... não é realmente sobre encontrar o amor.

É Charles Winshaw quem está à sua frente, mas tudo o que Dev consegue ver é Ryan há seis anos, quando Dev se juntou à equipa, recém-licenciado na Universidade do Sul da Califórnia. Ryan Parker, com o seu casaco de cabedal, cabelo escuro caído à frente dos olhos e uma apatia quase perfeita.

— *Este programa não é realmente sobre encontrar o amor* — dissera-lhe Ryan, enquanto lhe mostrava o castelo. — *Não estamos aqui para ajudar as pessoas a encontrar o seu Para Sempre. Estamos aqui para ajudar a Maureen Scott a fazer da televisão uma coisa interessante.*

E Dev já estava tão apaixonado — por Ryan, pelo programa, pela ideia de estar atrás das câmaras a dar vida a histórias de amor — que tudo o que lhe respondera foi:

— Não há nada mais interessante do que o amor.

Ryan nunca o enganou. Mesmo depois de tudo, tem de lhe agradecer por isso. Desde a primeira noite que passaram juntos, Ryan havia-lhe dito que não acreditava em almas gémeas, em contos de fadas ou em amar uma só pessoa para sempre. Dev decidiu, voluntariamente, desperdiçar seis anos da sua vida com um homem que lhe adiantou — desde o início — a forma exata como a história de amor dos dois iria terminar.

Agora, está prestes a desperdiçar nove semanas com outro que pensa que o seu programa é falso. Está prestes a voar ao redor do mundo com um homem que não está ali por amor. Está prestes a passar todos os minutos, de todas as horas, ao lado de um homem que, claramente, está ali apenas para abusar das expectativas românticas de vinte mulheres em prol das suas próprias necessidades egoístas.

Naquele programa, naquele mundo televisivo, o viveram felizes para sempre devia estar garantido.

Então, que há de ele fazer com o facto de Charles Winshaw não querer um felizes para sempre?

Charlie

Não tem a certeza de como passou de «espetacularmente bem» a estragar tudo, mas consegue vê-lo na expressão de Dev. Charlie não percebe o que aconteceu.

Acabou de conhecer vinte mulheres e esqueceu-se dos nomes de todas, não tem capacidade mental para entender qualquer coisa além do facto de que a frente do seu fato está, por alguma razão, coberta de purpurina.

Considera pedir novamente desculpa, mas Dev já está a seguir em direção à tenda branca gigante do outro lado do cenário. Jules aproxima-se, com o coque a oscilar como uma maçã de Adão.

— Vamos, Charles. Vou levar-te para dentro para que faças o discurso de boas-vindas às candidatas.

Tenta não ficar obcecado por desvendar o que terá feito para irritar Dev. Como é natural, fica obcecado com isso.

Continua obcecado durante o discurso genérico que o seu antigo responsável lhe escreveu, sobre como está «entusiasmado por encontrar o seu amor» e como acredita «que a sua futura esposa está naquela sala». Fica a remoer teimosamente no que se passou com Dev, enquanto as câmaras à sua volta cortam para os intervalos comerciais. Depois, uma mulher loura segura-o pelo pulso e ele não consegue pensar em mais nada além daquele toque indesejado.

— Posso roubar-te por uns minutos? — murmura.

Charlie julga que o nome dela é Megan. Ela puxa-o e arrasta-o para fora, em direção ao pátio. Charlie ouve os produtores a sussurrar para as concorrentes enquanto os dois passam:

— Não foi demasiado frontal da parte dela?

— Acho que *alguém* está aqui mesmo para ganhar.

— Tu és muito mais bonita do que ela.

Megan arrasta-o até um pequeno banco ao lado da fonte, onde as câmaras já estão à espera deles. Senta-se muito perto, toca-lhe demasiado e sem permissão, e murmura-lhe palavras meigas ao ouvido sobre o seu canal de YouTube, no qual publica vídeos dos exercícios que

prática. As pessoas sempre lhe disseram que ele tem um terrível sentido de noção social (geralmente, é dito enquanto o demitem, acabam com ele ou passam as suas compras pela caixa registradora), mas não é *completamente* alheado. Tem noção do seu aspeto e do efeito que o mesmo tem em algumas pessoas à sua volta. Especialmente nas mulheres. Especialmente *naquela* mulher, que descansa as mãos nas suas coxas.

Charlie aperta o maxilar e tenta concentrar-se nas histórias do tempo em que ela trabalhava como técnica de bronzamento em *spray* em Tampa, até serem interrompidos por uma outra loura que confronta Megan por monopolizar o tempo de Charlie. Pouco tempo depois, as duas mulheres estão abertamente aos gritos uma com a outra. Ele tenta amenizar a situação inesperada, mas depressa descobre que a tensão não é assim tão *inesperada*, pois fora cuidadosamente coordenada pelos produtores a partir dos auriculares, que instigam e provocam as duas concorrentes naqueles pequenos confrontos.

Há alguns momentos toleráveis. Fala com uma engenheira de *software* chamada Delilah, que inicia uma conversa animada sobre espaços *versus* tabulações, sendo a primeira vez durante toda a noite que sente que compreende o que se está a passar. Outra mulher, chamada Sabrina, conta-lhe algumas histórias interessantes sobre o seu blogue de viagens. A certa altura, ao tentar esconder-se de uma mulher bastante assertiva que não para de lhe tocar no rabo, encontra Daphne (a primeira mulher a sair da carruagem, lembra-se ele) e Angie (a mulher com quem dançou, isso nunca iria esquecer) a partilhar uma garrafa de vinho atrás de um gerador. Elas oferecem-lhe gentilmente *Pinot* e avisam-no de que metade dos botões da sua camisa estão abertos, o que é generoso da parte delas.

Pouco depois são duas da manhã e ele está com uma dor de cabeça horrível, com indigestão e uma ansiedade perturbadora que se espalha pelo seu peito. Pior ainda, sente a péssima confirmação de que aquilo foi um erro. Não se devia ter iludido a ponto de pensar que conseguiria gerir bem as coisas. Nunca deveria ter deixado Parisa convencê-lo de que aquilo seria boa ideia.

Vai desistir e pagar do seu próprio dinheiro o investimento perdido da produção. Sim, a América inteira vai ouvir rumores de como

Charles Winshaw teve um esgotamento num programa de televisão. Sim, nunca mais vai conseguir trabalhar na área da tecnologia. Mas talvez seja melhor assim. Talvez seja melhor ideia esconder-se numa cabana isolada nas montanhas da Serra Nevada, longe dos outros humanos. Quem sabe até aprenda a esculpir madeira.

— Quase sobreviveste ao pior — tranquiliza-o Jules durante uma das pausas, enquanto lhe leva uma garrafa de água e outra mulher lhe ajeita o cabelo. Repara que Dev não parece estar em lado nenhum.

— Só precisas de conversar com mais uma concorrente — continua Jules —, e depois tens de escolher quatro concorrentes para mandar para casa durante a Cerimónia de Coroação.

Quer contar a Jules sobre o seu novo plano de *se* mandar para casa durante a cerimónia, mas ela começa logo a encaminhá-lo para o local onde a equipa de cenografia montou o seu primeiro encontro com Kiana. Os dois conversam durante cerca de um minuto, antes de Charlie reparar num grande homem branco cheio de músculos e tatuagens no pescoço a aproximar-se. Duas das câmaras seguem-no, bem como dois seguranças.

Kiana segue-lhe o olhar, e uma expressão de horror vulnerável invade-lhe os traços simétricos.

— Oh, meu Deus. Não.

— Mas que raio vem a ser isto, sua porca?

— Que se está a passar? — pergunta Charlie, talvez ao homem que está a gritar palavras horríveis e ofensivas, talvez a Kiana, a quem as palavras estão a ser direcionadas. Talvez, quem sabe, às câmaras ou aos membros da equipa, ou ao pequeno semicírculo de concorrentes que se reuniram para assistir àquela cena.

— Tu és o tipo que anda a sair com a minha namorada? — rosna o homem, enquanto espeta o indicador no peito de Charles.

Primeiro, *au*.

Segundo: Kiana tem um namorado em casa e *a produção trouxe-o para o estúdio para que viesse gritar com ela?* O pior de tudo é que ninguém intervém para impedir o que se está a passar. Quatro câmaras ligadas e ninguém se mete no meio quando o homem volta a dar um empurrão a Charlie.

— Roger, a culpa não é dele! — grita Kiana.

— Cala a boca, porca!

Algo em relação àquele segundo «porca» desencadeia o pânico dentro dele, e Charlie sente que está à beira de uma das suas crises. E não pode ter uma dessas crises agora. Não em frente às câmaras. Não quando entrou para o programa para mostrar ao mundo que é o tipo de homem que não sofre com gatilhos ou crises, o tipo de homem que nunca cai, que guarda tudo no interior, tudo sob controlo.

Olha para Kiana, a sua expressão é um misto de tristeza e vergonha, e a única coisa mais forte do que o ataque de ansiedade que se insinua no seu peito é a sua indignação. Vira-se para o suposto namorado e diz:

— Não vou aceitar que fales com ela dessa forma — ou, pelo menos, é o que *pretendia* dizer, antes de levar um soco na cara e não chegar a dizer nada.

Dev

— Mete-me de volta como responsável das concorrentes.

— Dev...

— Por favor, Sky. *Por favor*. Não consigo passar as próximas nove semanas à sombra daquele homem. Ele é frio, desajeitado e disse que o programa era *falso*.

Skylar acaba de ordenar uma mudança de posição da câmara, para que a audiência não entenda como Charlie está aborrecido ao conversar com Kiana. Depois, vira-se para Dev.

— O programa *é* falso.

— É *produzido*. Sim, claro, montamos as coisas, fabricamos os ingredientes perfeitos para que o romance aconteça, mas as pessoas apaixonam-se mesmo. — Dev aponta para o monitor, para a figura de Charles que tenta esconder um bocejo. — Ele não está aqui por amor.

— Odeio ser a pessoa que te diz isto, mas a maioria das tuas miúdas também não veio por causa do amor.

— As minhas *mulheres* são seres humanos decentes. O Charles não é.

Dev pensara que Charles tivesse alguma coisa meiga dentro de si, mas é evidente que se tratou de um péssimo juízo de valor.

Skylar tira outro comprimido para a azia.

— Tu sabes que és o melhor produtor que temos.

— Se sou o melhor, não devia estar encarregado deste desastre incorrigível.

— Dev, não fui eu quem decidiu pôr-te como responsável dele, portanto, se estás chateado com a tua nova responsabilidade, fala com a Maureen... *Mas que merda é esta?*

A câmara três virou-se para um assistente de produção e um segurança a empurrar o que parece ser uma personificação antropomórfica da masculinidade tóxica.

— *Raios*, quem é este? Quem é que trouxe este homem para o meu cenário?

As respostas àquelas perguntas tornam-se claras quando o estranho confronta Kiana e Charlie. Kiana tinha um namorado em casa, e Maureen trouxe-o para aqui.

— *Merda*.

Dev sai a correr da Central de Comando e desce a entrada inclinada até ao local onde Maureen está a coordenar a cena com outro produtor.

— Corta! Tens de cancelar isso! O Charles não está pronto para isso! Tens de o tirar dali!

— Relaxa — diz Maureen Scott, com um gesto de mão presunçoso. — A América adora um homem que saiba responder na mesma moeda. O nosso novo príncipe pode vir a surpreender-nos.

Dev sabe que ele não vai fazê-lo.

— A sério, eu não acho...

— Acalma-te, D — diz o outro produtor, sendo que o outro produtor é Ryan na sua nova posição de supervisor de produção. O *ex* de Dev está do outro lado de Maureen, sempre com a sua aparência misteriosamente atraente, numa combinação de roqueiro *grunge* e entusiasta de clubes de iate. Ryan traz umas calças caqui vincadas e uns sapatos à vela, uma camisa xadrez amarrada à cintura e os cabelos castanhos presos num coque apertado. Aquela visão atinge Dev em cheio no plexo solar.

Passou semanas a agonizar ao imaginar o reencontro com Ryan. Ensaiou como iria agir de forma indiferente e distante, mantendo a

sua fachada de Dev Divertido, que estava a lidar bem com a situação. No entanto, é evidente que a realidade é que Ryan consegue ficar ali espedado com ar descontraído e indiferente, enquanto Dev é o desequilibrado e emotivo. Ryan Parker, sempre a fazer Dev sentir-se ridículo por se importar com as coisas. Do outro lado do cenário, o namorado intruso começa a tocar em Charles e a gritar coisas misóginas.

— Isto é ótimo para as audiências — diz Ryan com frieza, recusando-se a olhar diretamente para Dev —, e temos seguranças perto deles, apesar de afastados das câmaras.

Mas Dev sabe que os seguranças só irão intervir depois da potencial luta começar, e não vão impedir que a mesma fique registada em televisão. Por mais que esteja desapontado com Charles e com esta nova responsabilidade, a violência não faz parte do conto de fadas de Dev. Está a dois segundos de entrar em cena, mesmo que isso signifique arruinar as gravações. O programa tem permissão legal para usar qualquer imagem em que ele apareça acidentalmente, contudo, os produtores não devem aparecer nas câmaras. Mesmo assim, prepara-se para o fazer quando uma mão o agarra pelo cotovelo. É Ryan, a antecipar o seu próximo movimento.

— Deixa as coisas andarem, D.

Portanto, Dev deixa as coisas andarem. O que significa que, graças a Ryan Parker, Dev assiste ao momento em que Charles Winshaw leva um soco na cara a trinta metros de distância.

Porque Dev é *mesmo* péssimo a avaliar pessoas.

— Bem, a boa notícia é que o nariz não está partido — anuncia o médico das gravações para a sala cheia de produtores e câmaras. Charles está sentado numa mesa com sangue na camisa e dois tubos de algodão enfiados nas narinas. — A má notícia é que de certeza que ele vai ficar com algumas nódoas negras e precisa de ficar quieto até parar de sangrar.

— Merda — diz Skylar, rudemente. — Já estamos atrasados e precisávamos de ter começado a filmar a Cerimónia de Coroação há dez minutos!

O médico lança-lhe um olhar de desaprovação.

— O que não é tão importante quanto a saúde dele, claro — corrige-se Skylar. — Assim sendo, vou organizar algumas gravações das apresentações das concorrentes no palco.

Skylar afasta-se por entre duas câmaras enquanto Maureen se aproxima de Charles.

— Ouve, querido, espero que não aches que chamámos aquele homem para aqui.

Foi exatamente o que fizeram.

— Ele apareceu aqui inesperadamente a exigir falar com a Kiana. Não tínhamos ideia nenhuma do que iria fazer.

Oh, sem dúvida que tinham.

Maureen pousa uma mão cuidadosamente arranjada no ombro de Charles.

— Lamento que isto tenha acontecido.

É evidente que ela não lamenta coisa nenhuma.

Ryan estava certo. Uma discussão física na primeira noite é incrível para as audiências. Dev não pode culpá-la por isso. Maureen Scott está apenas a fazer o que tem de ser feito. A única coisa que o público quer, mais do que um final feliz, é drama.

Charles não responde, e Maureen retira a mão e olha para o médico.

— Dez minutos?

— Dez minutos devem ser suficientes para que a hemorragia acalme, mas...

— Dez minutos — diz Maureen com resolução, antes de seguir pelo mesmo caminho de Skylar para fora da sala.

O médico entrega duas compressas geladas a Charles e paracetamol a Dev.

— Ele que mantenha as compressas no lugar durante dez minutos e, em seguida, retira o algodão e dá-lhe seiscentos miligramas disto.

Assim que o médico sai, Jules responsabiliza-se por reunir as câmaras e os membros da equipa presentes. Por sua vez, Dev fica sozinho com a estrela que odeia dentro do programa que ama, sem saber como deve proceder. Charles tem uma compressa fria sob cada olho, e um algodão ensanguentado pendurado no nariz.

— Estás com um aspeto ridículo.

Aparentemente, é *assim* que decide proceder.

— E tu cheiras a vômito — responde Charles, com o mesmo tom de voz.

— E de quem é a culpa?

Charles tenta sorrir, mas a dor fá-lo estremecer. Afasta as compressas do rosto para revelar os hematomas que já começaram a formar-se nos seus olhos.

— Também me vais tentar convencer de que a Maureen não pagou àquele homem para vir ao programa?

— Ela não precisou de lhe pagar — esclarece Dev. — Homens como ele vêm ao programa de graça.

Charles parece magoado, o que é um bocado a sua expressão típica, visto que a cara dele é 90 por cento composta pelos olhos. Os olhos são cinzentos como nuvens de tempestade, como a cor do céu durante as trovoadas da infância de Dev na Carolina do Norte. Charles humedece nervosamente os lábios.

— Eu... irritei-te ou...?

— Disseste que o programa era falso. — As palavras soam mais duras do que ele pretendia, e Dev acaba por morder o lábio. Gritar com Charles não vai ajudar. Além disso, Skylar está certa. Ele é o melhor. A menos que queira que a temporada inteira seja uma sequência impossível de editar da sua estrela principal a ser espancada literal e metaforicamente, tem de se posicionar.

Respira fundo.

— Eu sei que muitas pessoas acreditam que o programa é falso, mas eu não. Acho que, se te abrires a este processo, podes encontrar um amor real nas próximas nove semanas. Eu posso ajudar-te a encontrá-lo.

Charles estica as pernas, que não alcançam completamente o chão, e balança-as na esquina da mesa.

— A verdade é que não estou à procura de amor nenhum.

— Então porque é que vieste para o programa?

— Aparentemente, para levar porrada à frente de vinte milhões de telespetadores.

Aquilo arranca uma gargalhada surpreendida a Dev. Charles tenta sorrir novamente. Dessa vez, o sorriso prolonga-se por mais tempo,

e *merda*. Ele é um bocadinho adorável. É provável que as mulheres já estejam apaixonadas por ele.

— Não te preocupes — diz Charles, a olhar para o colo —, não vou ser a estrela por muito mais tempo.

Dev atravessa a sala, parando a meio metro de distância da mesa onde ele está sentado.

— Que queres dizer com isso?

— Eu... Eu pensei que conseguia fazer isto, mas estava enganado. A Maureen vai ter de me substituir.

— Não, ela não pode fazer isso. Já te anunciámos publicamente como sendo a estrela.

— Eu posso pagar pelos gastos que foram feitos.

— És capaz de pagar milhões de dólares depois de a emissora te processar por violação de contrato?

— Quero dizer — ele parece vagamente embaraçado —, é provável que sim.

Dev demora um minuto a tirar os óculos com uma mão e a esfregar a cara com a outra.

— Ouve, podemos recomeçar? — Estende a mão. — Olá, prazer em conhecer-te. Sou o Dev Deshpande.

Charles deixa uma das compressas cair no seu colo para conseguir apertar-lhe a mão. Os seus dedos estão frios contra a palma de Dev. Ele treme.

— Prazer em conhecer-te. Sou o Charlie Winshaw.

— Charlie?

Ele faz-lhe um breve encolher de ombros, demasiado cauteloso para se comprometer com o gesto completo.

— O Charles é o modelo de perfumes. Eu sou só o Charlie.

— Charlie — repete Dev, a testar a leveza do nome. — Charlie, porque é que vieste para o programa, se não para encontrar o amor?

Como era de se esperar, a pergunta continua sem resposta. Charlie remexe-se, e a compressa fria no seu colo escorrega para o chão. Dev aproxima-se para a apanhar.

— Toma, deixa que eu... — Faz um gesto com a compressa de gelo e põe-na no lugar, por baixo do olho esquerdo de Charlie. Charlie fica

tenso com o contacto, mas depois acomoda-se e deixa Dev ajudá-lo, cada um a segurar uma compressa de gelo. É uma metáfora perfeita para o trabalho de Dev no *Para Sempre*.

Tenta mais uma vez.

— Porque é que vieste?

Charlie respira fundo três vezes e o peito pressiona os botões do seu fato.

— Antes de eu, bem, renunciar ao cargo de diretor de tecnologia da minha empresa, criei uma certa reputação de ser... *difícil*... trabalhar comigo. Uma desvantagem. Eu... não consigo arranjar emprego na área da tecnologia desde então, e a minha RP aceitou a oferta da Maureen para entrar no programa porque achou que poderia ajudar-me a recuperar a minha reputação. No entanto, estou a começar a ver a falha inerente na teoria...

Dev quer dizer que aquilo é um disparate. Ter reputação de se ser difícil não é o suficiente para se ser excluído de qualquer setor de trabalho quando se é branco, homem e convencionalmente bonito como Charlie, sem mencionar o facto de ele ser um génio comprovado. Mas ele nunca falou tanto durante a noite toda — tantas frases gramaticalmente corretas e em sequência —, de modo que Dev não protesta.

— Porque é que não abres uma empresa nova? — pergunta, em vez disso.

Charlie encolhe os ombros.

— Eu não sou bom em negócios. Esse sempre foi o trabalho do Josh, e não tenho propriamente pessoas a suplicar para que eu seja seu sócio.

— Está bem, mas então porquê trabalhar de todo? Ao que parece, tens dinheiro suficiente para nos mandar à merda e pagar à emissora. Porque é que não te limitas a ajudar uma instituição de caridade e a nadar em montanhas de ouro como o Tio Patinhas?

Charlie franze o rosto.

— Eu quero trabalhar — diz. — Não é por causa do dinheiro. É pelo *trabalho*. Sou bom no que faço.

Dev compreende a emoção de se ser incrível naquilo que fazemos.

— Então, precisas de mim para te ajudar a ser uma contratação apetecível, é isso?

Charlie assente lentamente.

— Sem dúvida que consigo fazer isso — diz Dev. — Mas, para o *meu trabalho*, preciso de escrever a tua história de amor. Portanto, se eu te ajudar com a tua reputação, tens de me ajudar também. Preciso que tentes criar um relacionamento real com as mulheres desta competição. Preciso que estejas mesmo investido *nisto*. Tens de estar em modo modelo de perfumes sempre que as câmaras estiverem a gravar.

Charlie volta a respirar fundo, por três vezes.

— Para mim é difícil estar mesmo investido nisto, fico emocionalmente esgotado e por vezes posso vir a precisar de algum tempo. Para recalibrar a minha cabeça. Caso contrário, eu... hum... não tenho a certeza... isto faz sentido?

Agora é Dev quem tropeça nas palavras.

— Na verdade, bem, sim. Faz todo o sentido.

Dev consegue *mesmo* identificar-se. Durante as filmagens, por vezes acontece entregar-se por completo, concentrando toda a sua energia e oferecendo o escape perfeito ao seu cérebro, que implora por ocupações. Durante nove semanas, voa ao longo de dias de doze horas com uma dieta constante de café e bolachas, sem sentir necessidade alguma de parar. Mas, invariavelmente, depois de filmarem a Cerimónia Final da Tiara, fica de rastos. A energia esgota-se e nasce um vazio dentro da sua cabeça. Mete-se na cama e fica por lá durante uma semana até estar recalibrado.

Sempre funcionou assim. Na faculdade, isso traduzia-se em grandes explosões de energia criativa. Passava duas semanas a escrever guiões — abria o seu coração e despejava tudo no papel — e depois, quase como que do nada, acordava e percebia que cada palavra era uma porcaria. Ficava na cama e assistia a episódios de *O Escritório* até ter energia para encarar o mundo lá fora outra vez.

Por algum motivo inexplicável, quase conta a Charlie Winshaw acerca do café e das bolachas, acerca da sua mente ocupada e do seu coração grande demais. Não faz sentido que sinta vontade de confiar nele, mas sente que está a viver aquela noite há *anos* — como se estivesse desagradavelmente preso n'*O Feitiço do Tempo* do seu próprio inferno pessoal, assombrado por rapazes bonitos que não acreditam no amor.

Dev engole a confissão que se formou na sua garganta.

— Parece que chegámos a um acordo.

Estende a mão para Charlie.

— Concordo — responde-lhe Charlie, e a sua mão enorme aperta a de Dev.

Charlie não se afasta de imediato, portanto, permanecem de mãos apertadas por mais tempo do que seria necessário. Dev ignora a sensação de vibração na pele causada pelo toque, porque — finalmente — estão a ter progressos, e Dev não vai arruiná-los por causa de um homem bonito com uma fraca compreensão da duração adequada de um aperto de mão socialmente aceitável.

Quando fica claro que Charlie *nunca* irá soltar a sua mão, Dev afasta-se primeiro.

— Já devem ter passado dez minutos. Vamos avaliar o estrago?

Baixam as compressas e, sem perceber como, Charlie faz a lesão no nariz parecer algo requintado, com as suas bochechas de um rosa nítido por causa da pressão das compressas frias e os grandes olhos cinzentos rodeados de um roxo-claro.

— Caramba — diz Dev.

— Está muito mau?

— Mais vale deitarmos fora esta cara e arranjarmos outra do zero.

— Oh, bem, não é uma perda assim tão grande. As pessoas não gostam de mim pela minha cara. Geralmente, preferem a minha personalidade cativante.

Dev ri novamente. Charlie até é engraçado quando conseguimos pô-lo a falar sem gaguejar. Tira três comprimidos de paracetamol e pega na garrafa de água de Charlie.

— Então, não vais desistir de nós? Vais continuar a ser o nosso Príncipe Encantado?

Charlie engole os comprimidos.

— Se... se achas mesmo que consigo...

— *Nós* conseguimos.

Charlie olha para ele, com uma pergunta a contorcer-se no canto da boca.

— Tu — começa por tentar, e junta as sobrancelhas — achas mesmo que consegues fazer que me apaixone *realmente* por uma destas mulheres?

Charlie é mais perspicaz do que Dev tinha imaginado.

Charlie Winshaw não veio ao programa à procura do amor, mas prepara-se para passar as próximas nove semanas em encontros extravagantes em lugares lindos com mulheres incríveis. Dev pode ter-se enganado por completo em relação ao que Charlie procura numa mulher, mas ainda é possível encontrar-lhe uma alma gémea. Ele consegue sempre fazê-lo.

Brinda Charlie com um sorriso despreocupado.

— *Eu sei* que consigo fazer que te apaixones.